

**O FIM...**



**MARCELLO SALVAGGIO**

**VALERIO ODDIS JR**

**O FIM...**

**Livro 3**



**O FIM...**

Livro 3 – Moksha

Copyright © 2012 *by* Marcello Salvaggio & Valerio Oddis Júnior

Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas nem fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão dos autores.

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

2012

6

*A luz dança com seus raios que se estendem e giram sem cessar; a receber, conduzir e reunir o que vem de cima e o que vem de baixo, e a abraçar, cruzar e enviar além o que sai das pontas inacessíveis, sem se esquecer que a escuridão lhe encaminha poeira bruta e informe, a matéria-prima para que molde cristais preciosos, cada um distinto do outro no brilho e na aparência e todos de igual modo necessários. O carvão puxa, mói, desagrega e solta; o diamante junta, lapida, reluz e expande; o ouro do nascimento manifesta seu maior esplendor na noite da morte.- do capítulo IV de A Profecia Universal: Interdependência.*



## EPISÓDIO 1

### **Rodamoinhos no oceano**

As maiores naves da Fundação se aproximavam da Terra. A força máxima necessária para o empreendimento decisivo que se daria. Davi, sem Nara por perto no interior da Phoenix, tinha que estar concentrado, desaguando sua mente pelo capacete que conduzia as ordens, porém em determinados momentos não podiam deixar de eclodir lembranças de seus pais, e a ansiedade crescia mesmo com Vesta, Jan, Shinji e Tirésias por perto. O pai da Elementora do Fogo puxara um cigarro, porém logo a filha dera-lhe um tapa na mão. Nada ali podia desconcentrar o condutor.

- Mas nem um cigarrinho?

- Nada.

- Como você é cruel...- Shinji riu, ao passo que Tirésias parecia tenso como em raras ocasiões antes. “Poucas vezes vi o futuro tão embaçado diante dos meus olhos, e tantos caminhos possíveis. O elétron brilha e se esvai, transforma-se em onda, vira uma esfera, um relâmpago; tudo é incerto, não vejo meu reflexo no espelho. Se chegou o momento de descansar, por que ninguém me avisa? Vocês ainda precisam de mim.”, pensou nos seus pupilos. Por um instante, viu as imagens de Erik, envolvido por uma cerca de relâmpagos, Sofia, com a testa a brilhar mais do que nunca, e Aido, com as espadas próximas do próprio pescoço. “O que estão querendo me dizer?”, outro que se lembrava dos antigos Guardiões era Godric, que na Força pedia para que seu antecessor lhe desse toda a potência e a coragem necessárias para vencer a batalha que estava prestes a

ocorrer e que definiria os destinos da Fundação e do universo. Recordou-se com ternura da despedida de Sarah, que o abraçara com firmeza a despeito de toda a fragilidade, denunciando uma carência à qual ele não conseguira resistir. Ocorrera, assim, o primeiro beijo entre ambos, antes que Sig e Yan também chegassem para se despedir. Quando os dois entraram no apartamento da jovem, os corpos já tinham se separado. O androide parecia encabulado e disperso, ao passo que o pai demonstrava estar mais tranquilo, ainda que vigilante.

- Não que eu queira fazer isso, mas é melhor vocês voltarem ou viro Ditadora da Fundação.- Sarah ameaçara.

- Puxa vida! Nem Armageddon esperaria por essa. Ele vai se borrar nas calças!

- Tá me tirando, pai?

- Magina! Só deixando o clima mais leve pra não ficar tremendo de medo.

Quando Siegfried resolvera prestar mais atenção em Godric, este desaparecera. Sutileza, não teletransporte. Tomara um susto com o pulo de Sarah ao abraçá-lo, envolvendo seu pescoço com os braços. Yan alargara o sorriso.

- Você eu *exijo* que volte. E nem adianta argumentar! Você volta.- O pai rira; estreitaram-se no abraço.

Shinji, por sua vez, estava cheio de orgulho: “E pensar que o meu amigo, meu irmão, chegou nesse nível. Mesmo assim, me dá saudade dos velhos tempos. Onde será que vamos parar? Quer dizer, onde será que *ele* vai parar? Dá vontade de escrever só sobre isso no diário.”, antes da partida da Phoenix, conversara bastante com o amigo de infância:

- Peço desculpas por andar tão sumido. Mas pode ter certeza que sinto saudades.
- Você agora é um cara mais do que ocupado. É um Guardião do universo, afinal!
- Falando desse jeito, me sinto ridículo. Parece até título de desenho animado!
- E qual é o problema nisso? A graça da vida está em ser criança sem cair na criancice. Criancice é se levar a sério demais, mesmo quando a verdade é séria. A vida é eterna e não existe limite pra que a gente ria de nós mesmos!- Mas no espaço os risos eram logo contidos; impunha-se o silêncio...Que prosseguiu mesmo quando as pequenas naves deram início ao enfrentamento.

Atingidos pelos invisíveis lasers da Phoenix, que interveio ativamente para minimizar suas perdas, os primeiros caças espaciais da Ditadura começaram a derreter; as naves-escudos brancas não resistiam à potência dos disparos dos filhotes da Força Principal, ficando em pedaços; também tremiam e depois se desmontavam os caças acertados pelas naves menores que saíam da Lung.

As rastreadoras negras, quase invisíveis na escuridão do espaço, eram distinguidas pela mente de Davi, que, em seu raio de ação hiper-consciente, abusava de seus poderes mentais para inclusive desativá-las e deixar que despencassem no nada.

As naves da Pegasus eram rápidas e letais, e Yan e Tânia comemoravam muito a cada inimigo abatido, Ivan se considerando ocupado demais e a situação excessivamente tensa para permitir qualquer sorriso.

Em pouco tempo, a Terra ficou visível: mas onde estavam as naves-mães do governo?

- Eles já devem saber qual o nosso objetivo, deduzindo a nossa trajetória. O pior nos aguarda onde a Imperium se encontra.- Nara, no comando da Lung, se comunicou com a sala de controle de cada espaçonave, telepaticamente com os integrantes da Phoenix.- Não estão preocupados em defender o planeta, até porque sabem que não causaríamos mal a ele.

Conduzida por Davi, que seguia as indicações de Tirésias, a Phoenix assumiu a dianteira do grupo quando entraram na atmosfera da Terra. “Pai, estou chegando.”, um único pensamento produziu diversas ondas no oceano interior. Ao menos a escuridão do espaço, o oceano negro de aparência imóvel, ficara para trás. O planeta pareceu tremer com a chegada daquelas quatro imensidades.

“Tirésias, você já sabe como intuíram nossos planos? Foi só pelas naves rastreadoras?”, passado mais algum tempo, o Guardião precisava realizar aquela pergunta. Uma energia familiar e hostil começava a perturbar sua hiper-consciência, distorcendo cada vez mais seu mar interno. Não se tratava de seu pai; não dizia respeito às suas emoções. “As rastreadoras forneceram pistas, mas você percebeu bem. Quem nos leu, pois desta vez não havia a necessidade de nos ocultarmos, por isso não fizemos nada nesse sentido, foi Kronos. Ele está lá embaixo.”; “Kronos? Não acredito! Ele não deveria estar em Saturno?? O que veio fazer na Terra?”; “Dele podemos esperar tudo. Talvez tenha tido uma visão do futuro, ou levou a sério algum pressentimento. Ou simplesmente foi chamado por Kaliyan e Armageddon, que também não são inimigos quaisquer. Podemos ter certeza de somente uma coisa: Gaspar estava certo quando disse que, em caso de derrota, este planeta,

nosso velho berço, será o nosso túmulo. E não ficaremos embaixo da terra: apesar do nome, o elemento fundamental dele é a Água. Nossa luta será para não retornar ao oceano.”, Davi tentou conter seu estado apreensivo. Sua mente voltou a clarear. Poucas eram as alternativas. Conseguiu discernir, entre as águas, segurando um tridente, a figura de Kronos.

\*

No mar, os navios de uma imensa frota, em sua maioria porta-aviões, de colorações prateadas ou negro-douradas, liberavam suas aeronaves e disparavam seus lasers, ao passo que o ataque rebelde teve início pelas águas, através dos submarinos lançados pela Força Principal, que boiava sobre o oceano e para a qual os pequenos disparos eram indiferentes. Nada ali parecia capaz de transpassar seu campo de força, enquanto as embarcações de proteção à Imperium, algumas das quais eram na verdade naves-mães, temporariamente estacionadas, também contavam com seus campos defensivos, embora bem menos resistentes, e diversas foram forçadas a alçar voo, sendo atingidas pelas bombas sísmicas da Lung, que enfraqueciam qualquer barreira, e finalizadas pelos mísseis da Pegasus. Por baixo, os submarinos irromperam feito aríetes aquáticos entre as ondas e logo foram, com seus torpedos, estourando as bases estáveis dos inimigos.

Houve receio e um certo pânico em cada navio que tremeu por impacto. Os homens de uniformes dourados e prateados corriam de um lado para o outro, acionando as defesas e as armas. Alguns optavam pela evacuação das salas de controle e iam pessoalmente pilotar alguma

nave, porém em vão. Quando o dia já não estava dos melhores, o pior ainda viria: segundos após uma pausa nos ataques submarinos, no momento em que o maremoto parecia ter dado uma trégua, os porta-aviões do governo passaram a sofrer com os bombardeios e voos rasantes de enxames de aeronaves da Fundação. Se por um lado nuvens sinistras haviam pousado, por outro relâmpagos e trovões tinham acabado de começar.

Nas rajadas lançadas pelos rebeldes assim que escudos de proteção foram misteriosamente desativados (seria por acaso porque a Phoenix se encontrava ali por perto? Tirésias, servindo de apoio a Davi, estava radiante por seu discípulo), dezenas de homens desmaiavam atingidos por gases nocivos, porém não letais, suas máscaras caindo vítimas de uma psicocinese estranha, enquanto naves e armamentos eram revestidos por cobertores de fogo, que ao serem retirados faziam com que desaparecesse o que antes havia embaixo: Vesta saltara de uma nave para o convés de um navio, ao passo que Tandra pulara em outra, e as duas convocavam as chamas por meio da inspiração, atingindo mesmo outras embarcações relativamente distantes. Dessa maneira, Davi colocava em prática seu plano de sacrificar o menor número possível de vítimas humanas e provocar a maior destruição de armas.

Como esperado, nem todas as naves-mães da Ditadura eram tão fracas e seus comandantes não ficaram de braços cruzados diante da situação. Pediram ajuda: novas forças chegaram e somaram-se às de maior poder outras, várias naves rebeldes menores tombando feito moscas diante dos disparos inimigos e caindo para explodir no mar. Iara também não iria ficar indiferente e desceu em outro navio, convocando as águas, que ali se

encontravam em abundância, não necessitando assim alterar a matéria ao seu redor, limitando-se a movimentá-la, o que reduzia o esforço psíquico e consequentemente apresentava um notável incremento de seu poder, livre para se manifestar da forma mais pura. Imensas ondas e rodadoiros apavoraram os inimigos, muitos dos quais começaram a se render. Serpentes azuis de dimensões colossais surgiram do oceano, personificações materializadas de forças elementais da água, e inclusive algumas se elevaram a alturas imprevisíveis para atacarem navios menores e destruí-las, além de enfraquecerem em algum grau, antes de serem dissolvidas novamente em líquido, os campos de proteção de certas navios-mães.

Não tardou para que submarinos e mais aeronaves de apoio aparecessem ao lado da Ditadura, além de indivíduos com poderes psíquicos, um dos quais, de notável força psicocinética, tentou agir para danificar os órgãos internos de Vesta.

A Elementora, que era qualquer guerreira, percebera a investida: o cérebro de seu oponente foi consumido no ato por chamas vorazes, que o estouraram de dentro para fora, tendo como combustível sua própria intenção destrutiva.

Com suas intenções, Davi e Tirésias também provocavam destruição – mas à sua maneira – , além de crescente desequilíbrio, ao invadirem os sistemas do inimigo: os computadores das forças do governo iam perdendo a lógica em quantidades crescentes, preenchidos por vírus que não se sabia de onde vinham. O Guardião interagiu eficazmente também com as informações virtuais e digitais, alterando-as, adicionando novos elementos, retirando outros. Sua

consciência abrangia tanto o orgânico quanto a máquina, de uma forma que provavelmente nem os andróides e os orgcibs tinham ideia. Lembrou-se de Siegfried, que invadia outro navio junto com Danna; ali era mais difícil, em meio a tanta água, materializar rochas e elementos sólidos, o que mesmo assim conseguiam, a Elementora atravessando a matéria de um computador ao enfiar sua mão e, ao retirá-la, a máquina explodira.

O combate seguia favorável quando novas naves-mães apareceram; as duas primeiras, de cor esverdeada e formato cilíndrico, avançaram contra a Pegasus e a Lung, lançando pequenas aeronaves nos céus e submarinos ao mar. As outras duas, de coloração branca e forma esférica, agrediram a Força Principal.

Ao perceber que seus amigos poderiam ficar em desvantagem, pois ambas somadas rivalizavam ao menos em tamanho com a colossal nave de Godric e Sung, Davi deixou de lado por alguns momentos sua ação de desmanche informático e resolveu ajudar.

O trabalho de agir contra as máquinas ficou a cargo das mentes de Lakhmi e Tirésias, que mesmo não sendo tão rápidos como Davi realizavam essa função com eficiência; Jan descera com Shinji, o que preocupou o Guardiã, porém se dirigiram para o navio no qual Vesta já quase finalizara sua parte, permitindo assim uma certa tranquilidade.

O oponente mais complicado até ali ficou justamente para Davi, contra uma nave-mãe que parecia ser forte, resistente e, o pior de tudo, tinha alguma forma de bloqueio contra poderes mentais. Seria um “gêmeo” da Phoenix?

Enquanto haviam passado a trocar disparos praticamente inócuos, em ataques de fachada, o Guardião tentara danificar os computadores alheios, pois esta seria sua única possibilidade de vitória rápida e sem grandes danos. Quisera a todo custo evitar problemas nos equipamentos e perdas de vidas. Contudo, seus esforços pela primeira vez pareceram infrutíferos.

Intensificou sua concentração e pôde perceber que seu inimigo buscava o mesmo; conseguiu então vê-lo: as testas de ambos reluziam de suor; este era um mutante de pele cor branco-parede, sem nariz, boca de lábios finos demais e estáticos, olhos totalmente vermelhos, sem espaço para o branco, e nenhum pelo no corpo, vestindo uma túnica de gola alta e uma calça negras como os sapatos justos. Teve início o diálogo mental: “Seu tolo! Acreditou que era o único aqui capaz de usar a sua mente para lutar contra a tecnologia?”; “Então é você quem está me bloqueando.”; “Digo o mesmo para você. Está falando com Milar Elsgobb, general das tropas reais de Kronos.”, explicou-se com pompa e rispidez. “Então Kronos deve estar próximo...”; “Você conhece o nosso rei? Cuidado ao usar sua língua.”; “Não estou usando a língua, e sim a mente...”, zombou. “Se eu tivesse uma língua, poderia dizer que a uso de vez em quando, mas não é o caso.”, sorriu com evidente cinismo. Davi se lembrou: aquele mutante era o general mudo de Kronos, do qual Danna lhe falara uma vez a respeito:

- Ele quase não aparece em público, nem colocou os pés na arena enquanto vocês lutavam no torneio. Mas se cruzar com ele, cuidado. Acho que é um adversário

perigoso, cheio de ardis, mesmo para um Guardião. A mente dele é mortal.

“O que vocês ganham se aliando à Ditadura da Terra? Gostaria de entender.”, resolveu perguntar ao oponente misterioso.

“Se quiser mesmo ficar ciente das nossas razões mais profundas, tenho uma oferta a lhe fazer.”; “Você está blefando.”; “Não estou. Vou ser bem claro: se quiser, em troca de uma boa quantia a combinar, mas que garanto que não será pequena, e diversos privilégios, poderá passar para o nosso lado e abandonar os seus companheiros simplórios. Eu e meus colegas estamos admirados com sua habilidade e inteligência. Queremos, portanto, dar a você do bom e do melhor. Queremos você, meu rapaz, do lado certo da guerra. É um enorme desperdício um talento desse porte estar entre os rebeldes! Não é o seu destino matar gente de bem, lutar em batalhas sem futuro, pois nós, defendendo o que é justo e correto, iremos triunfar de uma forma ou de outra. Sabe disso. Indo para o lado da ordem, da justiça e da verdade, tornar-se-á rico e poderoso. E estará sentado, ao final da guerra, na mesa dos vencedores, discutindo sobre como dividir planetas e tecnologia. Não acha uma proposta interessante?”; “Então é por isso que *você* está nessa. Posso ler as entrelinhas. Você não está interessado na igualdade entre mutantes e humanos *normais*. Nem serve Kronos de forma tão leal quanto parece. Pensa em se tornar talvez um governador de Armageddon em algum planeta rico e distante, e quem sabe depois muito mais. Afinal, nem mesmo Armageddon será eterno.”; “Você sabe bastante. Por que me fez a pergunta então?”; “Porque foi através da sua resposta que obtive todas essas informações, além do

que eu tinha conseguido desvendar e do que já sei sobre a Ditadura. E acho que você é um telepata bom o suficiente para saber qual a minha resposta ao que me propõe...”; “Tem certeza que não quer viver no luxo? Imagine! O poder político e econômico somado ao poder da mente e da alma. O que mais poderia desejar? Poderia até instituir um culto, ser um deus para os seus súditos. Juntos poderíamos até desafiar essa gente. Kronos e Armageddon talvez não sejam invencíveis, a longo prazo...Basta ter paciência e saber calcular. Use a sua razão! Tenha a coragem de se servir da sua própria razão. Não pense nos outros! Pense no seu bem. Seja racional.”, Tirésias, que também ouvia a conversa, não se surpreendeu com a pergunta seguinte que foi feita por Davi, que não demonstrou nenhuma dúvida ou abalo: “Quanto me oferece? Me diga. Qual seria o primeiro valor, o primeiro lance?”; “Está mudando de ideia? A oferta inicial será pequena se comparada ao que faremos juntos no futuro.”; “Já está tentando ludibriar um futuro parceiro?”, a gargalhada mental de Elsgobb foi ouvida com força. Nessa hora, Davi pressionou um botão vermelho em seu capacete. Tirésias compreendeu e entrou em contato com o resto da tripulação para que ficassem tranquilos, pois era considerável a apreensão coletiva, sua voz mental tão eficiente quanto centenas de alto-falantes. O Guardiã não conseguiria danificar os computadores do inimigo, por isso recorreria à única possibilidade que lhe restava ali dentro. “Se estiver tentando me enganar, terá sérios problemas.”, Davi fazia ameaças e exigências, ao mesmo tempo que o general mudo começou a se sentir zozzo e confuso; uma forte enxaqueca passou a atormentá-lo. Precisava resolver logo aquele problema. Pareceu-lhe repentino quando

uma porta se abriu na superfície da Phoenix, a imagem mental embaçada, e desta despontou um canhão metálico vermelho: o lança-chamas estava pronto; e não se tratava de uma arma qualquer, mas de uma combustão incomum acionada pelos poderes do Guardiã e cujo fruto ardido o inimigo iria colher involuntariamente.

O espírito de Davi foi pairar sobre a nave; sua comunicação com Elsgobb, que caiu para trás, assustando seus auxiliares, acabou cortada; e as asas ígneas do Dragão da Sabedoria, com seus três olhos de rubi, envolveram aquela área. A criatura entrou no lança-chamas e na sequência o que se viu foi um estouro de fogo que explodiu o inimigo. O general mudo não teve tempo para recobrar o pensamento: desapareceu.

Uma lástima que, quando Davi voltou para o seu corpo, parecia cansado demais para continuar a pilotar.

- Deixe um pouco comigo agora, filho.- Tirésias se ofereceu, para alívio do Guardiã, que sorriu enquanto ofegava e simultaneamente pedia perdão pelas mortes dos que estavam na nave de Elsgobb.

“Hipócrita! Simplório e tolo como qualquer rebelde, acha que pode resolver as coisas simplesmente pedindo desculpas!”, suas recriminações internas vinham com a voz do general mudo, e estava cada vez mais difícil silenciá-las; tentou escutar Nara, se comunicar com ela, que no entanto não estava disponível. Tirésias tinha que assumir o controle.

\*

Unidas, a Pegasus e a Lung não passaram por muitas dificuldades para abater as naves-mães que as haviam

atacado. Com Lershwyn e Talos também descendo para ajudar nos navios, Nara se tornara a comandante solitária, contando entrementes com auxiliares atentos. Suas bombas sísmicas e discos voadores foram fatais para os inimigos, assim como as micronaves-aranhas (apelidadas dessa maneira pelo formato e pelas dimensões reduzidas) se destacaram da Pegasus e pouco voaram até grudarem na superfície da nave do governo, onde fizeram buracos e entraram, liberando no momento certo gases de efeito moral contra a tripulação.

Apesar de sua sabedoria, Tirésias não fora treinado no comando da Phoenix e preferiu pousar e permanecer à parte da batalha para a segurança dos passageiros; ao menos sentiu que seria melhor cuidar disso. Ao perceber a aliada flutuando sobre as águas, desativada, Nara ficou temerosa sobre a situação de seu companheiro e resolveu se comunicar: “Davi...Davi, meu querido, você está bem?”, o Guardião sentiu um alívio tremendo ao enfim ouvir a voz de Nara, que lhe restituiu ao menos uma fração de sua tranquilidade perdida: “Bem não estou, mas o fundamental é que estou vivo.”; “O que aconteceu? Quem te deixou assim?”; “Mesmo depois de morto, aquele homem parece que não me deixou, fingindo desaparecer. Ele tinha muito poder mental. Mas parece que você está aos poucos espantando a influência dele.”; “Agora que você falou é que estou sentindo. É como se uma nuvem sombria se afastasse. Quem era?”; “Milar Elsgobb, um dos generais de Kronos. Tenho que me recuperar logo, porque o pior ainda está por vir.”; “É justamente por isso que por enquanto é melhor que você descanse. Obrigada, Tirésias...”, finalizou com um agradecimento ao mentor,

que meneou a cabeça em aprovação. Em seguida, comunicou-se com a Pegasus:

- Eu percebi.- Yan deu sua resposta.- Vi a Phoenix boiando no mar.

- Talvez seja melhor recolhermos o Davi e os companheiros dele.- Emendou Tânia.

- Tem razão. É perigoso demais deixar todo esse pessoal à mercê dos nossos inimigos.

- Estou de acordo com vocês, apesar do risco de perder a Phoenix.- Concordou Nara.- Mas antes perder uma nave do que os nossos companheiros. E mesmo assim o risco é pequeno. A Força Principal é a única que continua lutando e basta que vença, com a situação nos navios já estável, para que tudo fique fora de perigo.

- Vai ajudar o Godric enquanto a gente resgata o pessoal do Davi?

- Não acho que, por enquanto, a Força Principal precise de ajuda.- Nara mostrou confiança e, de fato, a batalha da Força Principal não durou muito mais: sobrava só outra nave-mãe da parte do inimigo, muito resistente, mas que não suportou mais os disparos dos canhões de nitrogênio, por fim sucumbindo. Na sala de comando, Godric olhou para Sung, que não parecia confortável:

- O que foi, velho? Que bicho te mordeu agora?

- É um pressentimento ruim. Muito ruim.

- Kronos vem vindo. Isso é mais do que um pressentimento.- Lakhmi complementou.

A batalha parecia ter chegado ao seu término. Nos ares, pairava uma estranha sensação de vitória. Davi não sabia dizer se compensava as mortes ocorridas. Os navios que não tinham sido afundados estavam em poder dos rebeldes e as forças da Ditadura não pareciam dispostas a uma reação. Contudo, sabiam que qualquer

comemoração seria precipitada. Yan roía as unhas de maneira incontrolável; a maioria regressou às respectivas naves-mães, menos Shinji, Jan e Vesta, que tinham decidido permanecer num dos navios para conversar com a tripulação dali e, a partir disso, fazer talvez novos aliados ou mesmo prisioneiros, que seriam úteis em negociações posteriores. Sem que o Guardião da Sabedoria precisasse pedir, uma equipe de hábeis telepatas entre seus homens se ofereceu para levar a Phoenix de volta à Fundação:

- Agradeço muito a intenção e o esforço de vocês. Sei muito bem que não estão fugindo.- Sorriu de lado.- Ainda não estão preparados para usar esta nave em combate, precisam de mais treinamento, mas já podem pilotá-la, e como não estou mais disposto a conduzi-la hoje, deixo esta joia da Fundação em suas mãos. Vocês estão liberados. Podem retornar para Europa.- Pouco depois, comovido com a postura de seus soldados, fechou bem as pálpebras e deixou as lágrimas mentais escorrerem até seu sorriso, conquanto seus olhos permanecessem secos, sem perceber, ainda envolvido demais com o plano mental. Resgatado pela Lung, ao passo que Tirésias optava pela Pegasus, recebeu o calor dos lábios de Nara nos seus, mantendo os olhos fechados.

O saldo era positivo, com três naves-mães rebeldes quase que inteiras e as forças da Ditadura dizimadas. No entanto, a apreensão não fora gratuita: de repente todos viram rasgar os céus uma gigantesca nave, pouco menor do que a Força Principal, dividida em duas esferas, como se fosse uma nave sobre a outra. Sua coloração azul-escura beirava o preto, ornada por pequenos desenhos de ampulhetas e representações do Uroboros.

- É ele.- Yan respirou fundo.

A Força foi a primeira a atacar, disparando com seu sem-número de canhões, e seguiu-se o avanço da Pegasus. No entanto, quando Nara ia acionar a Lung, Davi manifestou seu desespero, que tivera um início tímido, de súbito explodindo:

- Esperem um pouco! Os navios ainda têm gente! As pessoas neles correm perigo e a Vesta, o Jan e o Shinji estão lá embaixo! Não podemos simplesmente correr o risco de destruir tudo!- Ao que Iara arregalou os olhos e soltou uma exclamação preocupada; Nara também foi pega de susto:

- Achei que o Yan tivesse recolhido todos eles.

- A Vesta falou comigo telepaticamente e com ele. Disse que queria ficar. E o Shinji e o Jan acompanharam.

- Aquela peça enlouqueceu?!- Iara expôs seu medo.

- Com ela me preocupo menos. Os outros dois não têm poderes excepcionais. É com eles que me preocupei desde que decidiram descer.

- Davi, temos que confiar sempre nos nossos companheiros.- Nara discordou.- Tanto os “fortes” como os que consideramos “fracos”, que em muitas ocasiões podem salvar a vida dos “fortes”, que nem sempre estão inteiros. Vamos resgatar os três agora.

Os comandantes da Força e da Pegasus estranharam quando a Lung tomou outra direção:

- O que deu naqueles dois?- Godric perguntou ao velho Sung.

- Davi viu corretamente. Eles estão indo salvar os que ficaram nos navios. Mas talvez seja tarde demais.- Tirésias respondeu a Yan.

A nave de Kronos era a mais veloz de todas. Desapareceu de forma repentina do campo de visão de suas adversárias e reapareceu sobre o navio onde Vesta se encontrava:

- Como *aquilo* fez isso?!- Inquiriu Tânia.

- É incrível. Kronos interagiu com o poder da nave para criar um túnel no espaço-tempo de forma sutil, rápida e eficiente.- Replicou Tirésias.

- Estão embaixo de nós. Podemos disparar.- O senhor do tempo ordenou aos seus comandados na sala de controle de sua espaçonave, que se chamava Anfísbena.

Sua sede de vingança contra os que haviam raptado Inana, ou melhor, Sarah, era incontrolável; as divisões em sua persona não estavam mais claras, as máscaras se misturavam: Zurvan se confundia com Kronos, que se submetia a Kroni, que às vezes mesmo sendo uma entidade à parte se perdia em Zurvan; o ciclo da serpente que devora sua própria cauda se dispersava em um labirinto de faces e emoções conturbadas; vira aquela gente se dirigindo para a Terra e calculara o tempo certo para deixar Kronopolis, na expectativa incerta de reencontrar Sarah...Único elemento em sua percepção que não representava uma certeza. Via os rostos de Godric, Davi, Vesta, Iara, Nara, Siegfried e Danna com nitidez, odiando-os; contudo, não enxergava sua filha-amada, turva. Talvez não tivesse vindo com eles. De qualquer forma, os poucos que sobreviveriam lhe diriam onde estava.

Um pilar de luz que não emitiu nenhum som a princípio, o estrondo chegando só depois de alguns segundos, desceu sobre o navio. Vesta, escancarando a face diante do clarão, ativou seu sahaia e ergueu à sua volta e sobre seus companheiros uma cúpula

incandescente. No entanto, somada ao poder destrutivo do disparo estava a intenção de Kronos. “É forte demais! Não consigo mais proteger ninguém além de mim!”

- Pai!- Gritou e tentou segurá-lo; sentiu o cheiro de cigarro e viu o desespero no rosto de Jan. Seus dedos estavam para tocar os da filha quando ele se desintegrou, começando justamente das pontas dos dedos e terminando em seus pés, os olhos e os cabelos se dispersando na luz ao se transformarem em cinzas opacas que depois desapareceram; Shinji, mais distante da Elementora, berrou o nome de Davi, que ouviu o pedido de socorro e passou as mãos pelo rosto que ficava cada vez mais molhado, sem sentir as lágrimas que desciam.

Silêncio; relâmpagos farpados espalharam uma grande luminosidade branca com todos os seus ramos. O céu virou neve, as águas empalideceram e brotou daquele cândido corrosivo um fungo de fumaça repleto de faíscas e destroços que se alçou aos céus, chegando ao tamanho de uma montanha. Godric mal acreditou no que testemunhava.

Kronos comemorou entre os computadores verdes dispostos de forma circular, de cima lembrando a serpente que mordida a própria cauda; Iara, como primeira reação, lançou um urro desesperado em sua mente, que não saiu pela garganta (era como se estivesse em um pesadelo, querendo mas não podendo gritar, com a goela carregada); correu e se retirou da sala, disposta a pegar uma nave e sair em socorro da irmã, com o pensamento também em Jan, que ao contrário da Elementora certamente não sobrevivera. Nara sequer cogitou impedi-la.

Davi não conseguia tirar da cabeça o rosto de Shinji, em diferentes manifestações: sorrindo, brincando mesmo quando falava a sério, dividindo momentos importantes desde a infância; contudo, não aproveitara os últimos dias ao lado do amigo, que partira sem uma despedida decente. Arrependeu-se e pediu desculpas pela ausência, sentiu raiva de seus deveres e de suas missões. Teria afundado na depressão se não fosse a mão da Guardiã da Prosperidade, que acariciou suas costas e descongelou seu rosto:

- Não há tempo, Davi. Você quer que o sacrifício do Jan e do Shinji tenha sido em vão? Não adianta chorar. Esqueceu-se do que somos?- E, antes que ele pudesse contradizê-la com sua revolta, ela prosseguiu:- Se esqueceu, mais importante do que isso, do que eles são?- “E não do que eles *eram*.”, o Guardião escutou também a voz de Tirésias. Viu Jan a seu lado, soltando uma baforada: “Deixa disso, rapaz. Pena que você já é comprometido, mas de qualquer jeito te peço pra cuidar das minhas filhas. É...Das minhas *duas* filhas.”, salientou o espírito do experiente rebelde ou a alucinação de Davi. Não importava se não fosse *real*; o aprendizado era real. Sentiu o abraço forte e os tapas nas costas por parte do pai de Vesta...E de Iara.

- Chorar não resolve nada.- Godric engoliu a saliva amarga.

Outros navios próximos tinham sido destruídos. Siegfried, de dentro da Pegasus, pensou que por pouco não ficara em um deles. Por pouco não fora destruído. E então se questionou se precisava temer a vida após a morte.

Não tinha receio de nenhuma espécie de inferno. Mas e se não houvesse nada para um androide como ele?

Tinha muito medo, verdadeiro terror, de perder a própria identidade. Não queria ser simplesmente apagado. Não passava de um programa de computador? Queria também ter ajudado. Kronos se tornava a cada instante mais detestável. “Se eu pudesse voar...Se pudesse me teletransportar num instante! Mas não sei fazer nada dessas coisas. Mesmo não conhecendo todas aquelas pessoas, ou não conhecendo direito, gostaria de ter salvo as vidas delas. Ao menos teria sido útil. Se a minha alma não persiste, que os meus feitos levem o meu nome adiante, preservem algo da minha existência. Para que Siegfried Heisenberg não termine sua estadia neste universo como um computador estragado, como papel-alumínio amarrotado fora do cesto de lixo.”

\*

- Eles estão abalados. Mas que fique claro: não quero que pulverizem as naves deles. Quero ter o prazer de aniquilá-los, principalmente os dois traidores, com as minhas próprias mãos.
- Isso será difícil, Majestade. Mas faremos o possível.- Retorquiu um dos imediatos de Kronos.
- Qual é o estado de nossa Anfisbena?
- O disparo utilizou uma grande quantidade de energia, mesmo com a ajuda de Vossa Majestade. Nosso escudo de defesa se enfraqueceu.
- Não importa.
- Quero apenas evitar surpresas indesejáveis, Majestade.
- Está bem.- Fez o corte.- Agora fique quieto.- O rosto de Zurvan estava turvo e o subordinado não ousou mais contestá-lo.

A batalha recomeçou, com Nara e sua equipe desabando de uma vez várias das bombas sísmicas do arsenal da Lung contra o perigoso adversário.

Em seguida, enquanto este pouco tremia, fizeram partir as últimas cinco pequenas aeronaves auxiliares que restavam: era preciso seguir com o bombardeio.

Davi, por sua vez, passava por outro tipo de bombardeio: desde a trágica explosão, a todo momento vinham-lhe à mente as confissões de Jan e as conversas com Shinji, os beijos de Nara e seu perfume numa tentativa de amenizar seu estado mental.

No entanto, um cheiro desagradável de sangue pelo que fora derramado em lutas anteriores aflorava às suas narinas; e assomavam a imagem do rosto de Kronos, contorcido de ódio pelo rapto de Sarah, e do seu próprio também se retorcendo. Procurou a todo custo não ser invadido pelo mesmo tipo de emoção.

Como permitira que o inimigo lhe tirasse seu precioso amigo de infância, praticamente um irmão? Sua memória passeou entre as lutas no torneio, suas experiências no astral inferior, a noite em que conhecera Nara, e Shinji de alguma forma, na recordação ou fisicamente, estivera sempre presente. Tinha que continuar sendo assim. A grandeza e a bravura, a pequenez e o medo, tudo em uma só espiral, que se moía em carne e luzes, fazendo a sua cabeça tremer e balançar tal como a Anfisbena com os ataques rebeldes. Sentia-se um aleijado, ao passo que Nara, firme a seu lado, e a cada instante se orgulhava mais por amar uma mulher como ela, se apresentava feito uma coluna estável, na qual podia se apoiar com segurança, um esteio firme (na sua concepção, pois ela também não

deixava de estar abalada; à sua maneira, tinha muito carinho por Shinji e Jan).

A nave de Kronos reagia aos ataques rebeldes com disparos poderosos, raios retos e quentes em vermelho, que pouco a pouco minavam as defesas da Força e da Lung; a uma certa altura, Davi decidiu que era hora de se erguer:

- Nara.- E ela se voltou de imediato para o seu amado.- Não vou mais atrapalhar você. Já sei como podemos vencer.

- O que vai fazer?

- Parece que apesar de ser menor do que a Força Principal, o poder destrutivo desse monstro é ainda maior. Vou danificar os computadores e desativar o campo de força deles. Kronos me parece estar desprevenido agora, disperso. Apesar do poder que possuí, não é um inimigo estável. Temos que nos aproveitar disso.

- Mas você ainda tem energia pra isso? Cuidado.

- Não se preocupe comigo, meu amor. Apesar de tudo o que aconteceu, sei bem o que Sou. Vou dar o meu máximo agora.

Pegasus, Força Principal e Lung continuavam a trocar ataques com a Anfisbena, que mesmo com todos os golpes sofridos parecia manter uma certa estabilidade em seu campo de proteção.

- Estamos em 50%. - Disse a Kronos um dos auxiliares.

- E eles em quanto estão? Têm alguma ideia? - Inquiriu Zurvan.

- Acredito que em torno de 30%. Mais um pouco e ficarão desguarnecidos.

Entretanto, de súbito a percentual de defesa da Anfisbena despencou. Os auxiliares comentaram entre si:

- Mas o que está acontecendo aqui?!
- O que foi?
- O nosso escudo. Está sendo desativado!
- Como é?!- Isso que Tirésias reconheceu os esforços do Guardião da Sabedoria e resolvera colaborar; pouco antes, apenas com Lakhmi, haviam esbarrado na energia de Kronos, que sequer estava focado.

As bombas começaram a fazer um efeito muito mais devastador: os tripulantes da Anfisbena sentiram tudo em volta chacoalhar de uma forma tão intensa que mal se seguravam mais de pé.

- Não é possível! Que tipo de trapalhada vocês estão fazendo?!- Kronos indagou com fúria.

- Nenhuma, Majestade! Os computadores estão desligando sozinhos!

Kronos estava raivoso e distraído demais. Ao enfim se dar conta disso, resolveu que era hora de colocar um basta à desordem dentro de si mesmo. Mas naquele cenário não conseguiria fazer nada. Clamou para que tanto Zurvan como Kroni se calassem: as paixões precisavam ser suprimidas. “Anfisbena...O apego é desnecessário. Algum dia terei outra como você, ou muito melhor.”, respirou fundo para ir abandonando o que o ligava a algo que sentiu que em breve não existiria...E que não precisava tentar salvar. “Não se pode ter tudo. Tenho que evitar perder o que importa de verdade.”

Uma vez encerrada a turbulência devida às bombas sísmicas, os que haviam caído se levantaram do chão, mas algo estava errado: perceberam que seu

comandante desaparecera! Onde estava o rei Kronos? O pânico se tornou senhor.

- Sua Majestade sumiu!
- Onde o rei Kronos foi parar?!

Com os computadores da Anfisbena em pane, a Força Principal tinha acabado de drenar energia das águas e de acumulá-la e combiná-la em seus canhões; juntos, formaram uma única tocha de relâmpagos e liberaram a seguir toda a carga, que partiu com o mais potente disparo da Pegasus, aliado a milhares de micronaves-aranhas que desta vez estavam munidas com explosivos.

A Anfisbena, sem campo de proteção, não resistiu.

\*

- A energia dele desapareceu. E foi antes de começar a explosão.- Davi comentou com Nara.
- Com certeza ainda não acabou. Ele fugiu.
- Deve ter paralisado o tempo e escapado. Conseguiu concentração para fazer isso. Agora sabe-se lá para onde foi.- Os restos da Anfisbena não demoraram a afundar; e, encerrado o confronto sobre o oceano, as águas recuperavam a calma. O Guardião da Sabedoria parecia sem expressão quando desceram em um navio. Lá Vesta estava com Iara, que a resgatara das águas. As duas irmãs, emocionalmente abaladas, eram as únicas entre os Guardiões e Elementores presentes trajando suas vestes sagradas.
- Sinto muito, Davi. Fui precipitada, não pensei que Kronos chegaria logo. Mas você não imagina o quanto estou me culpando. Praticamente matei o meu pai. Que raio de Elementora eu sou? Não consegui proteger nem

o meu pai, nem o nosso amigo. Quis resolver tudo rápido.

O Guardião a surpreendeu com um abraço. Seu sahaia brilhou e seu corpo foi revestido. O rosto de Vesta se aqueceu e as lágrimas secaram. As de Iara que não paravam de cair, com a cabeça baixa e as mãos juntas, e Nara a puxou:

- Erga-se. Não é hora de ficar assim. Nunca é hora. E isso que já fiquei desse jeito. Mas não podemos mais nos permitir.

- Shinji, Jan e os outros que morreram hoje aqui são espíritos eternos. Não devemos nunca nos esquecer disso. Você é uma Elementora sim, de primeiro nível, e ainda mais gente estaria morta não fosse por você. O seu pai sempre terá muitos motivos para se orgulhar, esteja onde estiver.- Davi emendou; o abraço entre os amigos ainda duraria muito.

\*

A Imperium estava a cerca de setecentos metros de profundidade. Uma vez terminada a batalha, as naves-mães voltariam para Europa, exceto a Força Principal, por ser a única capaz de submergir. Os que iam dar continuidade à missão foram recebidos nela: Nara, Davi, Iara, Vesta, Danna, Yan, Tirésias, Siegfried e Tânia, somando-se aos que já estavam lá. Ivan tratou de levar a Pegasus. E a Tandra, Talos e Lerswin foi confiado o comando da Lung. Davi não se surpreendeu ao se deparar, em uma das salas de reuniões da nave-mãe, com a desolação no rosto de Wei. A amizade que o filho de Sung formara com Shinji era sincera e digna de

todo o respeito. Acarinhou-lhe o ombro com uma de suas mãos antes de se sentar ao seu lado.

- Hoje é um dia duro pra nós dois.- Wei, que ficara à esquerda do Guardião, com Nara à direita, só pôde dizer isso, e mesmo seu irmão, aparentemente o mais frio, soube respeitar a sua dor, o que se via com clareza pelo semblante.

- É um dia duro para todos nós.- Replicou Sung Li.- Mas não podemos nos demorar sentados.

- Com toda a certeza. Inclusive, talvez o seu pai esteja lá dentro, nos esperando.- Godric encarou Davi, que meneou a cabeça em concordância e manifestou um olhar altivo.

- E Kronos?- Yan mudou de assunto.- Será que morreu?

- Desculpe-me por frustrar as suas expectativas; mas, ao que parece, ele conseguiu manipular o tempo-espaço outra vez e se salvar.- Replicou Tirésias.- Parece que o controle que ele possui sobre o próprio poder está aumentando, o que é paradoxal, já que percebi que a personalidade dele degradingolou mais desde a última vez que estivemos próximos. Talvez Kroni esteja prevalecendo e controlando as capacidades de Zurvan além das suas próprias, o que é mais do que preocupante.

- Qual a possibilidade de o encontrarmos dentro da Imperium?- Indagou Tânia.

- Muito grande. Quase uma certeza.

Não tardou para a Força Principal tomar seu caminho rumo à Imperium, que jazia feito uma cidade submersa no dorso do Dragão das águas, em meio às algas e aos peixes, deitada no leito marinho e mantida numa noite eterna agora perfurada por fracos e oblíquos feixes de

uma claridade de brilho azulado, proveniente do veículo rebelde.

A cor que prevalecia era o negro, a forma cilíndrica e suas dimensões excediam em muito às da Força, dentro da qual ficariam Alan, Rute e Wei. Já Sung, Lakhmi, Godric, Fei (cheio de ímpeto por dentro, apesar de por fora não demonstrar seu entusiasmo), Nara, Davi, Vesta, Danna, Yan, Tirésias, Siegfried e Tânia estavam prontos para entrar na astronave submergida.

A Força Principal estendeu de sua superfície um prolongamento que grudou na pele da Imperium.

Quando as extremidades deste se abriram, o grupo avançou, Godric usando sua força para possibilitar uma entrada.

Assim que todos passaram, o buraco foi fechado por Danna, que rematerializou as partículas de metal. A Força pôde recolher sua extensão e se afastar dali o suficiente para só interferir caso estritamente necessário.

Aquele trunfo da Ditadura continuava entregue a uma paz nada duradoura, que seria deglutida pelo oceano quando os novos remoinhos começassem a se manifestar.

\*

No interior da Imperium, lá estava Kronos. Caminhava devagar em meio a corredores azuis de uma limpidez absoluta. Distribuía olhares desconfiados por todas as direções. Parecia conter sua fúria e estar confiante e ao mesmo tempo cheio de dúvidas. Uma certeza bastava-lhe: “Sei que vão entrar aqui. E, quando entrarem, terei o que preciso em minhas mãos.”

- Aonde pensa que vai, senhor? Pode apresentar a sua identidade?

- Nem eu sei ao certo. Quer dizer, quero falar com Unicron.- Parou diante de um androide de semblante indiferente, que bloqueava a passagem por uma porta de grades de laser.

- Ainda não se identificou, senhor.- Insistiu o androide.

- Deixe o senhor Kronos entrar.- Ouviu-se uma voz metálica enrouquecida.- É um convidado de honra.- Ao que Zurvan reagiu com um apaziguar das conturbações em seu oceano facial. As ondas do semblante se detiveram. O robô humanoide, parecendo um boneco, apertou um botão amarelo no painel ao lado, digitou uma senha com um aparelho portátil e os lasers (não que Kronos precisasse temê-los, mas era uma questão de polidez) desapareceram. Passou pelo arco metálico e continuou pelo corredor adiante, alcançando um elevador que o levou automaticamente ao último andar daquele edifício cristalino, por fora em forma de polígono escarpado. Chegou a um apartamento de decoração sóbria, bastante iluminado, com destaque central para um sofá amarelo circular, fechado, à frente de um telão, no qual estava sentada uma figura estranha.

Acionando o comando correto através de um controle remoto, esse indivíduo permitiu uma abertura no móvel, mas Kronos permaneceu do lado de fora.

- Vai continuar de pé? Não pretende se sentar?

- Obrigado. Mas logo pretendo sair daqui. Tenho questões urgentes a resolver.

- Sei bem ao que estão relacionadas.- Tratava-se de um indivíduo em armadura de ksatria, porém sem o capacete, a pele glabra e os olhos artificiais, e parecia fazer questão de mostrar que eram artificiais, com

pupilas que cresciam e diminuía de repente. Às vezes até se viam microchips em volta ou dentro delas, o rosto largo, os cabelos curtos e o bigode discreto, escuros. Era alto e de físico privilegiado, exibindo um pescoço formado por fibras metálicas prateadas, assim como as mãos, que não possuíam unhas nem pele humana: eram puro metal.- Acompanhei a batalha no espaço, no mar e vi os intrusos que entraram.- Além do telão maior, havia diversos monitores espalhados por todo o lugar, que exibiam, graças a microcâmeras muitas vezes imperceptíveis, o que ocorria dentro e fora da Imperium em uma vasta área, afora o que era transmitido via satélites.- É deles que pretende se vingar, não é?

- Isso não é da sua conta.

- Então por que veio, senhor Kronos?- Unicron insistiu, aumentando a precisão e o alcance de seus olhos e observando algumas das células que formavam seu interlocutor. Continham uma programação preciosa, muito peculiar, criaturas únicas, tão pequenas e ainda assim capazes de quebrar as barreiras do espaço-tempo. Kronos era um ser fascinante. Às vezes sonhava com seu cadáver para algum dia poder se apropriar de suas células e estudá-las atentamente, quem sabe dessa maneira herdando e aperfeiçoando o poder que um ente vivo podia exercer sobre a dimensão temporal.

- Estou aqui só para lhe avisar que talvez seja melhor que se vá. Não irei me conter desta vez e talvez a Imperium não resista. Seria uma pena que um cientista tão brilhante como você deixasse de existir de forma tão precoce.

- Diz isso porque quer algo de mim.

- Vou ser breve: sinto como se meu poder estivesse crescendo. Durante séculos, milênios para dizer a

verdade, meus poderes se mantiveram dentro de um limite, com mais frequência diminuindo do que crescendo, de toda forma instáveis, sujeitos às minhas alterações de humor e a perturbações emocionais. No entanto, depois que a minha filha foi tirada de mim, parece que apesar de qualquer coisa me irritar com mais facilidade e de emocionalmente estar cada vez mais instável, minha energia e meu controle sobre ela aumentaram em progressão geométrica. Gostaria de pedir ao senhor, depois de exterminar aqueles rebeldes, sendo que mantereí um único vivo para que me leve até onde está Sarah, para que me estudasse e me ajudasse a compreender melhor a extensão e os limites da minha força. Quero me submeter aos testes do seu laboratório. Por acaso Armageddon e Kaliyan teriam alguma objeção?

- Claro que eles têm razões para temer o senhor.- Unicron ficou radiante por dentro, especulando-se que um sentimento do gênero fosse possível em se tratando dele...Em todo caso, era um sonho que estava prestes a ser concretizado.- Mas sou leal apenas à ciência e a mim mesmo, por mais que a senhora Kaliyan já tenha me ajudado no passado. Descobrir detalhes a respeito da natureza do senhor, que há muito tempo me instiga, é muito mais importante do que qualquer disputa pelo poder. Talvez isso acarrete no meu próprio fim, já que se o senhor sáísse do controle poderia me pulverizar com facilidade. Contudo, minha sede de conhecimento é maior do que meu medo e muito maior do que meus escrúpulos.

- Então estamos de acordo. Mas volto a recomendar para que hoje se vá, já que precisarei de você.

- Não seria justo nem sensato destruir a Imperium. Tenho algo para o senhor.- O cientista se levantou e foi até a estante no canto do salão, onde havia centenas de livros e discos. Retirou alguns, revelando um painel atrás, no qual digitou uma senha: uma abertura surgiu e nela se viam alguns objetos pequenos, semelhantes a coleiras, de coloração bege polida.- Estas maravilhas são minha mais recente descoberta. Inibidores de poderes parapsíquicos.
- Como isso funciona?- Kronos recuou no ato.
- Não precisa ter medo. Eu não seria rápido o suficiente para colocar isso em volta do seu pescoço na posição em que estamos. Mas basta encaixá-lo e as áreas de intersecção entre o cérebro físico e os corpos sutis são bloqueadas. Dessa maneira, acaba sendo impossível realizar os *milagres* que para seres como nós são ações costumeiras. Com eles, não precisará se esforçar tanto na luta. Bastará ser rápido e bloquear os mais fortes.
- Me desculpe, mas não pretendo fazer isso.- Recusou-se a pegar os inibidores.
- E por qual razão, senhor Kronos? É orgulhoso demais para isso?
- Estou tentando controlar os meus poderes. Claro que não pretendo destruir a Imperium, apenas o avisei que esta poderia ser uma consequência. Mas que progresso poderei alcançar se, na primeira oportunidade de um confronto sério, pois não enfrento há séculos nada comparável, abdicar de testar minhas capacidades?
- Poderá fazer isso depois, nos nossos laboratórios.
- Talvez nunca mais enfrente adversários tão incríveis. Consegui observá-los bem de perto desta vez, sentir o que irradiam, e percebi sóis que ainda não alcançaram seu brilho máximo, mas que assim como você está

interessado em me compreender eu estou interessado em verificar se por acaso têm um potencial equivalente ao meu, embora o tipo de ser e energia seja distinto. Se for capaz de vencê-los, não precisarei temer mais nada, nem mesmo Armageddon. Pois poderei ter os poderes deles comigo, dentro de mim.

- Sei da sua habilidade de copiar poderes alheios. Mas não pretendo sair da Imperium, realmente. Caso se exceda, acho que terei que descer e interferir na sua luta, selando os seus poderes e os daqueles rebeldes.

- E então terá numa só cartada muitas cobaias à disposição. É isso o que pretende?

- Desde o começo estou sendo sincero com o senhor. Não vou mentir agora. Gostaria que aqueles sujeitos sobrevivessem. Quero estudá-los também.

- Algo me diz que seria mais sensato exterminá-lo. Talvez eu deva mesmo explodir a Imperium. Neste instante...Já que durante a luta poderá me pegar desprevenido.

- Desistiu tão rapidamente daquilo que tinha me proposto? O senhor é mesmo volúvel.

- Começo a pensar que seria melhor continuar sem compreender a mim mesmo e sobreviver do que me tornar um rato de laboratório. Antes desses inibidores, não tinha receios quanto a você.

- Talvez eu tenha mesmo me precipitado ao mostrá-los ao senhor. Mas isso não demonstra que não tenho más intenções com relação à sua pessoa? Não gostaria que fosse cruel comigo, senhor Kronos. No entanto, se deseja ser, pode acabar comigo agora. Sabe que não sou páreo para o senhor.

- De fato não. Só que é um cérebro valioso demais. E ao mesmo tempo mais perigoso e letal do que todos os

opponentes que já enfrentei, entre kumaras e deuses elementais, só perdendo para os arcanjos que estão na memória de Kroni. Vou deixá-lo viver. Farei essa aposta arriscada.

- Uma aposta sensata, e não arriscada. Mesmo que eu o capture, não se preocupe. Farei mal apenas aos rebeldes.- Exibiu os dentes prateados em um sorriso gélido. “Se ele pode absorver poderes alheios, por que eu, compreendendo e colocando em meu corpo a programação das células dele, não poderia fazer o mesmo? Você será o fim dos meus sonhos, Zurvan.”, refletiu enquanto o rei de Kronopolis se retirava para enfrentar os rebeldes. Depois olhou para um dos monitores e pelo controle remoto aumentou o zoom no ponto escolhido. Seu foco evidenciava rosto de Davi: “Enfim iremos nos reencontrar. Temo que irei rever apenas seu cadáver. Mas essa não é a minha intenção.”

O grupo acabara de entrar em uma das cidades quase vazias da Imperium. Não havia ainda nenhuma população humana, apenas máquinas, algumas das quais se indispuseram com as presenças estranhas.

- Será que eles querem conversar?- Yan brincou. Era evidente que aqueles robôs de guerra não tinham intenções pacíficas: andróides, torres, executores e outros tipos que nunca haviam visto antes, materializando-se cada vez em maior número em cabines e cubículos de teletransporte, após emanações de luz verde em seus interiores.

Fei, que queria mostrar serviço ao pai, foi o primeiro a se mover, envolvendo, com o poder dos ventos, sua espada leve e comprida, personalizada por um dragão bege de tipo chinês que começava na empunhadura e se prolongava pela bainha negra. Um discreto tufão, que

irradiou da aura do espadachim, contribuiu na eficiência dos ataques: inúmeros inimigos já tinham sido feitos em pedaços e aparentemente o rapaz ainda não desembainhara sua arma.

- Meus parabéns! Aprendeu com perfeição! Mas ainda tem a melhorar.- Rejuvenescendo, Sung aplicou a técnica com uma velocidade e uma precisão superiores, retalhando outro grupo de adversários metálicos numa área mais ampla e em maior número.

- Pega leve, Sung. Você é o Elementor do Ar.- Yan coçou o ouvido.

- E daí? Todos nós, no fundo, temos o mesmo potencial.- Fei rebateu.

- Puxa vida...Que rapaz invocado!- Aqueles robôs não preocupavam nem um pouco: Vesta derreteu mais alguns; Iara fez com que seus circuitos fossem invadidos pela água das fontes e aquários da cidade (branca e limpa como nunca tinham visto igual, os prédios finos e altos); Lakhmi simplesmente provocou a desmaterialização de outros; Nara os despedaçou com suas espadas; Godric ocasionou curtos-circuitos com a mera expansão de sua aura, sem precisar se mover, e por meio de seu controle sobre o magnetismo atirou longe e despedaçou outra parcela; Danna e Siegfried os derrubaram abrindo buracos no solo; Davi e Tirésias os desmontaram com psicocinese; e Tânia e Yan com torvelinhos de ar. O número de oponentes crescia, porém nunca seriam adversários à altura, vindas do alto máquinas que lembravam motos voadoras, propulsionadas por condicionadores de energia e disparando lasers e bombas, anuladas pela força dos rebeldes.

- Não acho que precisaremos nos esforçar muito para encontrar Kronos. Ele já está vindo até nós.- Tirésias deixou claro, provocando calafrios em seus pupilos.- Preparem-se.

- Depois poderemos pensar em tomar a Imperium. O mais difícil vem agora.- Davi replicou.

- Há dificuldades mais adiante também. Porém são de outro tipo. Estejam preparados para todas.

- Por acaso viu algo dos meus pais?

Tirésias ia dar sua resposta, porém foi interrompido por um *meteoro* que despencou entre os rebeldes, abrindo uma cratera naquela área e derrubando alguns edifícios circundantes. Mesmo por telepatia ficou inviável. A concentração tinha que estar toda voltada para um único ponto: a luz em espiral que despontava na fumaça, abrindo corredores confusos e rodamosinhos evidentes, sobre um oceano de trevas; Kronos surgiu diante de seus inimigos com os olhos ardendo em vermelho.

- Se não é o sábio Tirésias, autor da Profecia Universal e um dos patriarcas da humanidade, quem está aqui...- Seu olhar caiu em primeiro lugar sobre o cego, que replicou:

- É Kroni que está no comando agora.

- Será que está mesmo correto? Amigo de Seraph Ishtar, um dos meus piores inimigos...Por silogismo, você também é um dos meus maiores inimigos.

Godric ia atacar, porém se sentiu subitamente paralisado; o mesmo ocorreu a todos os outros. “É a primeira vez que sinto uma energia de tamanha magnitude. E está descontrolada! Só que ao mesmo tempo sob controle! Não consigo dizer o que está acontecendo com esse sujeito! Parece que nele o externo

e o interno perderam a linha divisória. Tudo virou uma coisa só, como sal na água do mar. De um mar violento e tempestuoso, cheio de turbilhões, cada um carregando a profundidade de uma era e de um lugar distantes...”, refletiu o Guardião do Poder.

- Godric Hutaker, Davi Ayan e Nara Abgal.- O adversário pronunciou os nomes dos três.- Agora sim consigo ler um pouco a aura e as células de vocês. Mas ainda não consigo definir precisamente o que são! Só posso dizer, Davi, que o seu pai está lá dentro. Estive com ele agora há pouco.

- Esteve então com Jonas Ayan?- Inquiriu o Guardião.

- Com o que foi Jonas Ayan. Agora ele não se importa nem um pouco com você. Ou melhor, até se importa, mas não com o filho que um dia teve.

- Está tentando me desestabilizar.

- Não seja infantil. Leia a minha mente e veja se estou mentindo.

- Não caia no golpe dele, Davi!- Nara bradou; correntes de uma energia cinzenta envolviam seus pulsos e bloqueavam seus movimentos.

- Não caia nas desconfianças femininas. Haja de acordo com a sua consciência.

- Por enquanto não estou interessado. Seja como for, pretendo falar depois diretamente com o meu pai, sem intermediários. Não preciso de você pra isso, seu assassino.- Objetou Davi.

- Está com raiva por causa do seu amigo? Shinji...Era esse o nome dele? Estou lendo em você. Seu amigo de infância. Uma pena! Perdeu uma oportunidade única de ver como o seu pai se encontra agora. Só poderá vê-lo outra vez do outro lado, quando estiver reunido com o seu amigo Shinji.

- Você também matou o meu pai...- Vesta interveio, tentando derreter a aura do inimigo com a sua.
- Você dá importância às moscas ou às formigas? Presta atenção nos minúsculos insetos quando anda? Eles também são vidas únicas, preciosas. Aliás, você, sua irmã, esse velho que consegue se tornar jovem e a esposa dele são um segundo mistério para mim: emanam forças mais compactas e menos variáveis do que as dos outros três, inferiores na extensão e no poder, mas ainda assim bastante respeitáveis. Assim como a traidora Danna. Diferentemente desse androide desprezível, que nunca terá uma alma como as nossas. Nunca poderá, portanto, compreender a natureza de um deus.
- Deixe o Siegfried em paz.- Interveio a Elementora da Terra.
- Desde que a revi pela primeira vez, senti uma força enorme em seu peito, por isso a tomei como general. Digo que a revi porque conheci uma encarnação anterior sua. Era excepcional no controle do elemento Terra. Sabe que fim ela teve?
- Não me interessa.
- Deveria ser interessante. Eu acabei com a vida dela, ou melhor, com a sua, e suguei seu poder. Acho que isso irá se repetir. Será que estou vendo bem o futuro?
- Está cheio de sarcasmos, seu miserável.- Yan se debatia.
- Pouparei a sua vida. Mas não porque tenha algum apreço especial por insetos. Você é o pai biológico de Sarah e irá me levar de volta a ela. Então poderei arrancar a sua cabeça.
- Acha que com isso conquistará o amor daquela menina?- Inquiriu Tânia.

- Posso apagar as memórias dela e fazê-la esquecer que um dia teve um inseto como pai biológico. Isso é muito simples para mim.

Godric foi o primeiro a conseguir se libertar e atacou Kronos com sua espada envolvida por relâmpagos púrpuras; no entanto, estes se apagaram e teve que se deter quando algo se interpôs entre ambos: os olhos do deus do tempo ficaram brancos e um pequeno *buraco negro* nasceu naquele meio: “Consegui, Umicron. Não vou precisar destruir a sua Imperium.”, comunicou telepaticamente ao cientista, que não sorriu mas se despreocupou. Um portal recebeu em si os que iriam combater, transportados para uma realidade onde o branco e o negro puros se alternavam, entre ampulhetas vazias e pontes suspensas, quadros sem imagens ou com cenas que se desenhavam de repente, pilares de luz espiral que se erguiam e onde o chão era desnecessário.

- Esta é Hronos, a sede do rio Tempo, que foi, está sendo e será remodelada por mim. Espero que não se assustem! Prometo ser um bom anfitrião.- A Imperium desaparecera por completo; teriam que forçosamente lutar no território de Kronos. Ao menos pensaram que poderiam empregar seus poderes ao máximo, sem a mínima necessidade de se conterem. Aquele lugar não parecia ter limites de espaço, ao mesmo tempo que tudo era excessivamente flexível e sujeito à vontade do inimigo, que ali certamente contaria com todas as suas forças. Tirésias notou que Kroni, Kronos e Zurvan estavam fundidos em uma entidade realmente única pela primeira vez em muito tempo, fincados no centro de seu corpo por uma pedra negra, branca e vermelha, às vezes com as três cores, às vezes se alternando entre estas, que o sábio cego reconheceu: “O *Karma*. Será a hora de

Kronos receber de uma vez todos os frutos, sadios e envenenados, doces e amargos, das sementes que plantou? Ele não as jogou no rio.”, ouviu-se o urro da horrenda Kampe, cujo torso era o de uma gigante de pele esverdeada, os olhos foscos e voltados para a manipulação, os cabelos de serpentes rubras e os dentes de víbora, a outra metade do corpo correspondente a um réptil escamoso de seis caudas, incluindo uma de escorpião, com patas repletas de garras e nadadeiras.

Cratos, com cinco metros de altura e os maiores músculos já concebidos, nu com sua pele cinzenta e o rosto quadrado com pouquíssimos fios de cabelo no alto e dentes que pareciam quebrados, de imediato disparou contra Sung Li; Gerion, sessenta metros de extensão e dez de altura, três corpos conectados, três cabeças de dragão, uma barbada, asas de gárgula, cauda sinuosa e seis braços, lançou o fogo de sua testa central sobre Davi; Nyx, a donzela da noite do Ser, fixou-se em Nara; Godric sofreu com o avanço do monstruoso Typhon, uma criatura cujo corpo se confundia com as sombras fluidas, dotado de dezenas de pescoços e cabeças de dragões e serpentes de diferentes gêneros, algumas escuras e outras claras, as peles lisas e metálicas, escamosas, peludas ou com veias e artérias aparentes, soltando uivos, rugidos, gemidos, discursos de amor ou de ódio, sussurros, gritos, urros e umas dialogando com si mesmas e com as outras em vozes graves, agudas ou macias. Seu relâmpago colocaria ordem naquelas sombras ao levar luz a elas? Mais outros filhos de Kroni e do Kaos se mostravam dispostos ao ataque, Kronos centrado em Tirésias. O sábio cego, preocupado com seus discípulos, desviou-se por muito pouco do primeiro

golpe de Kronos, aplicado com sua foice circular em um avanço ameaçador:

- Preste atenção, Tirésias.- Um fogo negro se formou em sua mão direita. Precisaria levar o confronto a sério, e por enquanto sozinho.

Contra Typhon, Godric deixou os relâmpagos maximizarem o brilho de sua armadura, permitindo que os raios se lançassem adiante, acima e abaixo, interrompendo os urros e gritos estrídulos com os trovões; a massa de uma matéria negra e densa liberada pelas bocas do monstro não intimidou o Guardiã, ainda que este reconhecesse o perigo daquela energia, que mesmo a uma certa distância chegava a produzir ranhuras em sua proteção, logo reconstituídas pela eletricidade, que se transformava em metal ao se opacar. Naquele lugar-não-lugar em um tempo-sem-tempo sentiu que poderia de alguma forma ter acesso a todo o seu passado, e quiçá também a seu futuro, num primeiro momento percebendo com mais intensidade o fluxo da poeira do karma por suas veias, transportando os resíduos das ações recentes e remotas para aquele sol vermelho, que pulsava na noite do corpo, suspenso naquela prisão de carne e ossos que era mais do que pedras e grades. Depois as artérias tratavam de enviar para as outras partes do corpo, boiando em seus córregos rubros, os frutos que resultavam das sementes. Deu-se conta naquele instante que o karma também era matéria, conquanto mais sutil, menor do que a menor das partículas subatômicas conhecidas, ainda assim parte de seu cárcere. Essas sementes e esses frutos contribuíam junto com outros fatores para as doenças e interferiam no magnetismo da aura, “empoeirando” os corpos sutis.

Segurando firmemente sua espada, atacou as cabeças do monstro, vendo refletidas na lâmina entremeada por relâmpagos imagens de vidas pregressas: a noite caindo e os reflexos túbios do poente dardejando sobre a neve nas encostas das montanhas e na ardósia dos tetos foscos de casas antigas; um homem em frente a um forno, fundindo metais, sua pele com tons recozidos de tijolos; mulheres que lhe chamaram a atenção, em cotas de cetim rosa, fitas de seda e pendões coloridos...Quem seriam? Tivera alguma encarnação no sexo feminino, uma ideia que o incomodava, ou era, a mais destacada, uma amante, amiga ou parenta? Um corpo feminino, frágil e róseo...Concluiu que não deveria pensar assim, afinal tinha em Vesta, Danna, Iara e Nara mostras claras da força do outro sexo.

Uma outra cena marcante foi a de uma jovem de cabelos negros acetinados mexendo delicadamente nas borlas de ouro das almofadas sobre as quais se recostava, um sorriso traquino no rosto, e o som de pífaros lancinantes do lado de fora; outra vez Venseslao, a deambular adolescente pelas ruas de uma cidade antiga, mais ao sol do que à sombra, bebendo nas fontes e as góticulas que sobravam respigando nas lajes poeirentas, fimbrias de inscrições latinas em um marco de pedra, às quais à noite era indiferente, urinando sobre elas sem dó nem piedade, rápido antes que fosse visto.

As visões aspergiam sua alma com uma violência que não era a do sangue; e sua aura se chocou com a do filho do Kaos enquanto cortava as cabeças, impedindo que nascessem de volta ao incinerar os pescoços com eletricidade, e seu capacete se partiu ao meio, ficando sua veste com rachaduras que desta vez não iriam se recompor tão cedo, ao passo que Typhon tombou, no

golpe derradeiro seu corpo colossal cortado em duas metades, cada uma despencando para um lado e se esvaindo em uma fumaça cinzenta repleta de rostos falantes, cujo destino foi o apagamento gradual.

\*

Gerion e Davi travavam um duelo de intenções, limpa a do Guardião, bruta a do monstro, imóveis um diante do outro, sem imagens, palavras e sem que lograssem penetrar na mente alheia. A espada da Sabedoria estava desembainhada e olhos se abriam e se fechavam sobre as águas turvas embaixo dos dois. Aquela criatura nunca liberara a totalidade de seu poder contra nenhum adversário, que era o que ocorria naquela hora. Davi tentava não permitir que as recordações envolvendo Shinji e Jan o atrapalhassem; pelo contrário: teria que usar a força daquelas amizades como um impulso para vencer.

Desenhou um triângulo vermelho com a ponta de sua lâmina sobre o dorso de um dos corpos de Gerion, que na sequência o apagou, pensando ter feito a opção mais sensata. Contudo, as partículas de Fogo já tinham penetrado através da pele da criatura e invadiram seu âmagô, espalhando um ardor terrível e abrangente que o desconcentrou; outros símbolos foram cravados ao mesmo tempo, e com olhos abaixo se escancarando, e outros se abrindo dos lados e acima, suspensos no ar, alguns de veias saltadas demais, o filho de Kroni principiou a derreter. Davi, cada vez mais cansado, não sairia incólume, sua veste já aparecendo repleta de falhas. No entanto, quando o olho de sua testa se